

UMA MISCELÂNEA LITERÁRIA, PELA MULTIPLICIDADE CRÍTICA

EDITORIAL

Em 1997, quando o Professor Benjamin Abdala Junior idealizou e publicou o primeiro volume da *Via Atlântica*, havia o firme propósito de divulgar e dar vias de consolidação a uma área tão nova quanto inusitada para aqueles anos finais do século XX. Os Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa ainda careciam de reconhecimento para além da Universidade de São Paulo, onde já constituíam um programa de pós-graduação, com mestrado e doutorado, desde 1994. Aproximar os estudos de Literatura Brasileira, de Literatura Portuguesa, de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e das demais regiões do mundo onde a língua portuguesa era meio de comunicação ou subsistia como língua materna ou segunda língua, foi tarefa bem sucedida e em consonância com todos os eventos internacionais que se davam naque-

la já distante década de 1990: a questão que envolvia a dramática emergência da nação timorense, o *handover* de Macau, a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e o prêmio Nobel concedido a José Saramago que se estendia, afinal, a toda a comunidade de falantes de nossa língua.

Via Atlântica surgiu nessa época como um projeto acadêmico solidário que não apenas aproximasse objetos de pesquisa, mas seus pesquisadores e pesquisas. Nesses vinte e três anos, nosso periódico se afirmou como publicação de referência internacional, recebendo contribuições de pesquisadores de várias partes do mundo das mais renomadas instituições de pesquisa e universidades.

Em seu primeiro número, a revista apresentava um conjunto de artigos de temática variada, não constituindo um dossiê temático, o que passou a acontecer já a partir do segundo número que foi dedicado à “Literatura Feminina” (*Via Atlântica*, 2, 1º semestre de 1998). Desde então, passamos a contar com esse formato e publicado mais de trinta e seis dossiês, organizados por pelo menos um dos docentes do Programa de Pós-graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Os dossiês de temáticas variadas atentam tanto às literaturas nacionais em Língua Portuguesa, à poesia ou à prosa em Língua Portuguesa, quanto a temas específicos, também diversos como a literatura infantil e juvenil, a indústria cultural, as relações entre medicina e litera-

tura ou a emergência dos estudos da subalternidade e estudos LGBTQI+. A organização dos dossiês sempre demandou grande esforço de seus editores, desde a convocação de autores, em chamadas públicas, até a seleção, a avaliação e a editoração do material até, por fim, a publicação. Esforço que consiste em dedicação de tempo. Esforço que consiste na concretização de projetos bem cuidados e consistentes e que venham a contribuir efetivamente com os estudos de literatura.

Via Atlântica não é uma revista fechada cujas publicações se deem por convite. Vinculada a um Programa de Pós-graduação brasileiro, submete-se aos parâmetros de avaliação Qualis e, por isso, deve aceitar contribuições de variada ordem. Em vista disso, desde 2013, foi criada a seção fixa “Outros Textos” que acolhe contribuições que não se submetem às propostas dos dossiês. A seção, por isso, não ocupa a extensão maior da revista, ficando a ela reservada a sua segunda parte.

No primeiro semestre de 2020, *Via Atlântica* foi contemplada por edital da Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica – AGUIA, que nos concedeu recursos suficientes para a publicação de dois números planejados para o ano corrente, o que nos levou a uma nova prática e à observação de novas regras que alteraram bastante a rotina de nossa atividade editorial. Aliado a essa novidade, a pandemia do novo coronavírus levou-nos, ainda, a alterarmos os planos e a adiarmos projetos a fim de garantirmos as publi-

cações dos números agendados. Com isso, um projeto antigo foi resgatado e que, reconhecendo a contribuição espontânea de nossos colaboradores, constituísse um número integralmente dedicado aos “Outros Textos”.

Apresentamos, assim, essa miscelânea de estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, recuperando o sentido que a palavra “miscelânea” contém e que foi abafado ao ter sido considerado como desorganização ou desordem. Miscelânea, em sua origem, designava uma reunião de estudos de literatura, podendo ter autoria diversa ou não, e servia para classificar, em bibliotecas, volumes constituídos por obras não necessariamente semelhantes. O modelo da miscelânea, também, atende às políticas editoriais das revistas científicas que não recorrem a modelos monográficos e que seguem o fluxo contínuo de contribuições. Acreditamos, com isso, que estamos dando a público um instantâneo da pesquisa produzida nesses tempos pandêmicos e desordenados, nesses tempos em *Que, ou com público efeito, ou com secreto, / Lhe não revolva e espante o sentimento, / Deixando-lhe o juízo quase incerto, / ver e notar do mundo o desconcerto?*

Mário César Lugarinho¹

1 Editor-chefe. Professor Associado da Universidade de São Paulo, docente do Programa de Pós-graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.